

Bioética na sociedade técnica

Uma reflexão sobre os avanços da biotecnologia e a ética por meio dos conceitos de Jacques Ellul

Taylisi de Souza Corrêa Leite
Patrícia Borba Marchetto

Sumário

1. Introdução. 2. Técnica, razão e ciência na modernidade. 3. Bioética na sociedade técnica. 4. Conclusão.

1. Introdução

A denúncia de que a racionalidade moderna se encontra num processo altamente crítico tem sido sistematicamente realizada desde seu amadurecimento. Essa crise se deve claramente à sua incapacidade de dar conta de conhecer tudo absolutamente, como intentara, estabelecendo conceitos e teorias fixas e imutáveis, e ao seu deslocamento em relação à ontologia do conhecimento, apartando-se completamente da ética e da filosofia. Esse fracasso da panacéia da modernidade, ao lado de seu desprezo pelo humanismo genuíno, é patente, senão óbvio.

A contribuição marcante de Jacques Ellul reside em sua lucidez e objetividade ao tratar o modo como a técnica é apreendida por essa razão moderna e como se torna o centro de todas as relações e produções humanas a partir de então. Em todos os seus trabalhos sobre a tecnologia, há uma aproximação determinista, e suas preocupações apontavam para a emergência de uma tirania tecnológica sobre a humanidade. Esse diagnóstico pode parecer um tanto quanto fatalista e exagerado à primeira vista; porém, basta

Taylisi de Souza Corrêa Leite é discente do programa de mestrado em Direito da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp), *campus* de Franca.

Patrícia Borba Marchetto é doutora em Direito pela Universidade de Barcelona - Espanha, docente do programa de mestrado em Direito da Unesp (*campus* de Franca) e da graduação em Administração Pública da Unesp (*campus* de Araraquara).

uma análise um pouco mais criteriosa de seus escritos e sua confrontação dialética com a realidade para percebermos a verdade do seu raciocínio. Para este artigo, utilizaremos especificamente a obra *A técnica e o desafio do século*, pois não há, aqui, a pretensão audaciosa de devassarmos seu pensamento, mas apenas o intuito modesto de se invocar seu conceito de “técnica” para demonstrar que a bioética nada possui de “ética”, mas tão somente se consubstancia numa nova técnica para lidar com os dilemas éticos decorrentes do avanço da biotecnologia. Utilizaremos, ainda, *A palavra humilhada*, pretendendo fazer uma aproximação conceitual entre a técnica de Ellul e a razão instrumental decorrente do Esclarecimento, de que tratam Adorno e Horkheimer.

Jacques Ellul concebe a técnica como um ente abstrato, uma vez que intermedia todos os acontecimentos no mundo, operando como um espectro invisível que nos domina a todos, sem termos como dele escapar, seja qual for a estratégia que adotemos, pois qualquer uma delas será também técnica em sua essência. Essa é também a característica marcante da razão, objeto das críticas frankfurtianas. Por isso, julgamos oportuno esse diálogo para tratarmos da falência da promessa moderna e de seus impactos na ciência, especificamente na insurgente bioética.

A ciência paradoxal, vacilante e crítica da modernidade é assim por estar condicionada a uma racionalidade técnica totalitária e instrumentalizada. E o progresso a que ela se destina está desvinculado de valores elevados. Esse progresso não implica o desenvolvimento humano em suas potencialidades profundas, mas coloca o homem a serviço de um projeto exterior, autoritário e coercitivo.

Essa inexorabilidade tão poderosa da técnica nos faz questionar se é possível concebermos qualquer transformação lúcida no mundo, se estamos totalmente absorvidos pelo obscurantismo tecnicista. Qualquer tentativa de despertar desse sonambulismo

está fadada a ser improfícua, pois ocorrerá nos limites da técnica e, sendo ela mesma técnica, perde o potencial de ruptura e transformação. Ou será possível um despreendimento dessas amarras tecnicistas?

Em tempos agonísticos, de crise e transição, como o que vivemos, é natural a insurgência de uma tentativa recuperadora do papel da eticidade nas relações humanas. Essa talvez seja a esperança de contrução de uma bioética, para que possamos pensar libertos da racionalidade instrumental.

2. Técnica, razão e ciência na modernidade

Desde os primórdios do desenvolvimento da cultura, o ser humano utiliza a razão como estratégia de sobrevivência, por meio de técnicas para ultrapassar limitações físicas ou maximizar resultados pretendidos. Com o decorrer do tempo, a técnica passou, então, a ser uma expressão manifesta da racionalidade, mediando todas as relações do homem com seu entorno, desde as relações com a natureza até aquelas estabelecidas com as instituições, com o poder, a ordem, o conhecimento, a produção de riquezas e a sociabilidade. Assim, de uma estratégia de sobrevivência, a técnica assumiu um caráter metafísico e inexorável, à medida que se subsumiu num dado objetivo da realidade, sem o a qual nada pode ser concebido ou concretizado.

Na modernidade, esse caráter absoluto da técnica foi assumido e fortalecido pela supremacia de uma razão totalizante, que nega qualquer possibilidade de compreensão do mundo fora de seus limites. A técnica não passa somente a ter propriedades independentes do homem, como o suplanta, na condição de fim da sua própria reprodução, e passa a operar a serviço de si mesma.

A técnica moderna caracteriza-se por sua propagação, ou seja, as muitas técnicas existentes criam um ambiente propício para que outras apareçam. Essa lógica técnica

transportada para a ciência moderna forja a consagração absoluta dos paradigmas como verdades, o que vigorou muito tempo no pensamento científico e ainda reluta em se modificar, pois, apoiados na estrutura metodológica da racionalidade moderna, os paradigmas científicos, políticos, econômicos e sociais se constituem e se perpetuam por estratégias idiossincráticas e entrópicas que os reforçam e alimentam continuamente.

Uma vez que a técnica se desenvolve trazendo problemas que só podem ser resolvidos por ela, sua perpetuação é necessária. Porque o progresso técnico avança incessantemente, a evolução da técnica ocorre quando um homem, tendo o conhecimento de várias técnicas, une-as e cria uma nova técnica que possibilita os resultados esperados. O conhecimento de várias técnicas é adquirido, e, por isso, não é necessária uma inteligência particular para que ocorra um grande avanço técnico; assim, o progresso é a soma de diversos outros anteriores, aperfeiçoando-se o conjunto. Quando uma nova técnica surge, faz-se acompanhar de algumas distorções e problemas inesperados também. Para liquidar esses problemas, novas técnicas aparecem e, novamente, novos problemas, os quais serão solucionados pela mesma técnica. Essa *autopoiese* da técnica de Ellul é identicamente tratada por Thomas Kuhn, que utiliza a metáfora do quebra-cabeça, para demonstrar que todo o labor científico está orientado por regras, cujo principal escopo é buscar a própria manutenção (KUHN, 1978, p. 60).

Os questionamentos possíveis dentro de um campo de saber já estão também previamente delimitados pelo paradigma. As próprias regras derivam de paradigmas, mas os paradigmas compartilhados podem conduzir a ciência mesmo na ausência de regras, o que, para Kuhn, é até preferível, já que a existência de um paradigma não implica necessariamente a existência de um conjunto completo de regras. Tudo está no paradigma; por isso, abandoná-lo é deixar de praticar a ciência que ele define.

É isso que possibilita o progresso científico, ou, nas palavras de Ellul, o *autocrescimento da técnica* (ELLUL, 1968, p. 88). Nenhuma descoberta da ciência pode ser considerada fator isolado, localizados no tempo e no espaço, ou atribuída somente a um pesquisador, pois é fruto ou da evolução da multiplicidade potencial de um paradigma, ou da identificação de uma anomalia decorrente da sua rigidez, forjada por outros cientistas. O autocrescimento da técnica, portanto, ocorre também pelo esforço de todos os homens, completamente apaixonados por ela – daí sua outra característica: a *unicidade* (ELLUL, 1968, p. 98). Para Ellul, o progresso não é simplesmente uma possibilidade, mas uma necessidade:

“Os diversos sistemas técnicos invadiram a tal ponto todos os domínios, que em toda parte se encontram com modos de vida que, anteriormente, não eram técnicos; a vida humana, em seu conjunto, estava afogada pelas técnicas e propiciava atividades não reguladas racional ou sistematicamente. Ora, o encontro com a técnica revela-se catastrófico para as atividades espontâneas. A atividade técnica elimina automaticamente, sem que haja esforço nesse sentido nem vontade diretora, toda atividade não técnica, ou então a transforma em atividade técnica” (ELLUL, 1968, p. 86).

Por isso, Ellul distingue a *técnica* da *máquina* (ELLUL, 1968, p. 2). A máquina funciona como um ponto de partida para a técnica, a qual assumiu uma autonomia quase completa em relação à primeira e se aplica a domínios muito além da vida industrial. A necessidade que o homem sente de possuir técnicas cada vez mais avançadas torna-o parte da técnica; porém, enquanto o conhecimento técnico expandiu os horizontes da atividade e do pensamento humanos, a autonomia do homem como indivíduo, bem como sua capacidade de opor resistência, de imaginar, elucubrar e tecer críticas sofreram notória redução. O

avanço dos recursos técnicos de informação fez-se acompanhar de um processo de paulatina desumanização. São os reflexos da *razão eclipsada*, que Horkheimer explora com maestria (HORKHEIMER, 2007, p. 7). Um pensamento cegamente pragmatizado perde absolutamente seu caráter superador e sua potencial relação com a verdade. Segundo ele, o racionalismo subjetivo relaciona-se finalisticamente com determinados procedimentos, não se importando com a racionalidade real desses propósitos.

Na modernidade iluminista, o ontológico cede lugar absoluto ao teleológico. Assim, o pensamento pode servir a qualquer empreitada (boa ou má), consubstanciando-se em mera faculdade de coordenação, cuja eficiência pode ser incrementada pelo afastamento das emoções, desde que produza resultados eficazes. A razão, obnubilada, renuncia a qualquer questionamento crítico. Na lógica instrumental moderna, razão é meramente a faculdade de classificação, inferência e conclusão, não importando qual o conteúdo específico das ações. Por isso, a concepção moderna de ciência justifica perfeitamente, por exemplo, a relação estreita estabelecida pela ideologia nazista entre intolerância, genocídio e progresso – inclusive científico (Cf. HORKHEIMER, 2007, p. 59).

A razão torna-se um instrumento, apreendida pelo positivismo, que, segundo Horkheimer, reduz a metodologia de pesquisa aos procedimentos utilizados na física, a partir de uma concepção de ciência automatista, progressista e esvaziada de autorreflexão (HORKHEIMER, 2007, p. 80). As ciências passam a ser o instrumento primordial de dominação da natureza, que impulsiona o progresso, e a natureza, desqualificada, é matéria caótica que deve ser classificada, quantificada e manipulada, pois a razão precisa eliminar o incomensurável. A sobreposição da experiência visual estaria, no diagnóstico de Ellul, diretamente atrelada à eterna necessidade do homem de dominar e subjugar a natureza, pois o olhar é capaz de apreender o espaço e se apro-

priar da amplidão, colocando o sujeito no centro do universo; combinando tais imagens, esse sujeito incorpora-se à realidade pelo olhar, mas não como mero coadjuvante – é o protagonista da realidade, o ponto a partir do qual se ordenam o universo e o espaço, tornando-se constitutivo de todo o cosmos, isto é, “o centro do mundo” (Cf. ELLUL, 1984, p. 9). Tal dominação visual do entorno é também o fundamento da técnica, diretamente atrelada à eficácia. Assim,

“A vista do homem engaja a técnica. A imagem visual indica a totalidade de minha possibilidade de vida num mundo onde sou senhor e vassalo. Qualquer técnica funda-se na visualização e a supõe. Se não podemos transformar um fenômeno em visual, ele nunca será objeto de uma técnica. E a coincidência fica mais marcada pela eficácia. A vista é o órgão da eficiência. Reciprocamente, servir-se de imagens é eficaz” (ELLUL, 1984, p. 15).

Ainda, para dominar a natureza, é preciso, antes, dominar aqueles que dominarão a natureza, pelo que o racionalismo moderno também suporta ideologicamente tanto o modo de produção escravista quanto a exploração do proletariado. Sob outro prisma, faz-se imperativo ao homem, também, dominar a sua própria natureza humana, reprimindo os instintos e tendências primitivos que não servem à razão.

A sociedade burguesa torna o heterogêneo totalmente comparável, universal, o que desconstrói qualquer possibilidade de individualização, muito embora utilize o individualismo para sustentar a dominação do capital. Esse tolhimento de si contribui ainda mais para a desumanização de homens e mulheres de nossos tempos. Esse caráter universal e homogeneizante da modernidade parte da universalização de uma técnica relacional. Para Ellul, esse *universalismo técnico* se apresenta tanto geográfica quanto qualitativamente (ELLUL, 1968, p. 119).

Jacques Ellul preconiza que a organização nada mais é do que a técnica aplicada a

vida social, econômica ou administrativa, ou seja, o mesmo fenômeno assume um aspecto novo e desenvolve-se universalmente, expandindo-se para o mundo todo de forma homogênea, na esteira do totalitarismo da razão esclarecida. Conquanto, para Ellul, as culturas pré-modernas fossem tão técnicas quanto a civilização atual, a diferença crucial é que nossa civilização traduz uma cultura de meios e, na realidade da vida moderna, os meios são sempre mais importantes do que os fins (ELLUL, 1968, p. 19). Ele esclarece que, em épocas passadas, a técnica se orientava por critérios externos a si própria, não se justificava por si mesma e buscava sempre um equilíbrio entre o fator técnico e o humano. A sua finalidade última era o ser humano e seu bem-estar. Essa é a diferença crucial trazida pela razão moderna: a finalidade passou a ser a própria reprodução da técnica (Cf. ELLUL, 1968, p. 43).

Segundo ele, essa eclosão brusca do progresso técnico é própria do século XVIII; também Adorno e Horkheimer situam o apogeu da razão na maturação da modernidade, que denominam Esclarecimento (ADORNO; HORKHEIMER, 2006. p. 17). A partir de então, para Ellul, não há apenas um incremento quantitativo ou uma aceleração. Para compreender essa mudança, é preciso distinguir *operação técnica, fenômeno técnico e civilização técnica*. A operação técnica engloba todo trabalho feito com certo método tendo em vista atingir um resultado. Eis a intervenção da razão esclarecida, buscando uma maior eficácia. O fenômeno técnico é a “procura do melhor meio em todos os domínios”. É produzido pela dupla intervenção da razão e do reconhecimento da humanidade acerca das vantagens da técnica. Assim, a técnica estende-se a todos os domínios, originando uma civilização técnica (Cf. ELLUL, 1968, p. 70-72).

Destarte, toda a ciência e a produção de conhecimentos permanecem reféns de uma técnica perversa e autoritária. Nessa imbricação de técnicas, que constitui a Téc-

nica por excelência, filha do racionalismo instrumental da modernidade, não há lugar para a discussão ética. Não é possível uma reflexão ontológica, subjetiva, humanística numa produção de saber dominada pela técnica. Por isso, quando o progresso científico apresenta dilemas éticos, é inviável um resgate da subjetivação da razão emancipatória para sua solução.

A técnica é independente, autônoma e autorreprodutora. Constituímos uma civilização em que tudo funciona por meio e a partir dos fenômenos e operações técnicas. Nenhuma realização é possível fora desses limites. O totalitarismo da técnica é absoluto e encarcerador. Porém, sua subsistência é um empecilho à efetivação de direitos, à emancipação do homem, ao real desenvolvimento humano. Esse aprisionamento da razão pela técnica nos leva ao desespero quando reconhecemos sua encruzilhada. Por isso, temos, nos tempos presentes, tantas tentativas de desvencilhamento da opressão técnica – e o surgimento da bioética é uma delas. Resta saber qual a possibilidade de edificação de uma bioética nos limites da sociedade técnica.

Nesse contexto, a supremacia da imagem em nossos tempos não apenas deriva da técnica, como é impulsionada por ela e presta-se ao seu projeto de desumanização dos seres humanos. É justamente porque existem os aparelhos técnicos que se pode por eles projetar as imagens, garantindo o seu triunfo:

“A técnica é o meio da imagem, explica a possibilidade de sua difusão de um lado, de sua multiplicidade de outro. E isso já comporta em si, como tentamos demonstrar, uma determinada lógica de desenvolvimento; quando o aparelho existe é preciso fazer uso dele” (ELLUL, 1984, p. 149).

A técnica expurga o discurso porque precisa de um indivíduo visual. O progresso técnico não se explica pela palavra com a mesma eficiência de um desenho, um gráfico ou uma fotografia. O homem

formado pelo meio técnico necessita viver de imagens: “A progressão técnica é coextensiva à representação visual. Urge que o homem seja polarizado pelo visual para tornar-se um homem técnico” (ELLUL, 1984, p. 150). Assim, o império da imagem constrói-se na esteira do totalitarismo da racionalidade instrumental, que destitui o valor de tudo o que não tem um fim externo a si, pois o desinteresse pela literatura e a negação da filosofia também passam pela impossibilidade de as transformar em diagramas, em imagens acessíveis e apreensíveis.

Tornar a palavra visualizável mediante um esquema que informe a língua e o discurso é fazer da palavra um objeto da técnica. Por isso, segundo Ellul, o processo moderno de eliminar tudo que não seja redutível à compreensão científica e à esquematização visual não manifesta de maneira nenhuma um espírito livre, mas, ao contrário, um conformismo rigoroso de universalização da imagem e uma obediência à tecnicização generalizada (ELLUL, 1984, p. 154). O visual presta-se a eliminar as ambigüidades, atendendo às exigências de uma razão totalitária. Essas constatações se aproximam do diagnóstico de Adorno e Horkheimer:

“O progresso técnico, no qual o sujeito se coisificou após sua eliminação da consciência, está livre da plurivocidade e do pensamento mítico bem como de toda significação em geral, porque a própria razão se tornou um mero adinículo da aparelhagem econômica que a tudo engloba. Ela é usada como instrumento universal servindo para a fabricação de todos os demais instrumentos” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 37).

A ciência, a burocracia e a máquina são as molas propulsoras da técnica, da razão esclarecida e do esvaziamento da palavra. Tudo isso está concatenado num mesmo projeto, que culmina no surgimento da bioética.

3. Bioética na sociedade técnica

Ilimitada, expansiva, objetiva, unívoca, universal, autorreprodutora e unitária – esses são os caracteres que a técnica assumiu na civilização moderna, na qual não importa mais a técnica em si, mas a ordem social na qual ela opera, funcionando para que a sociedade técnica mantenha suas configurações estruturantes. A técnica, então, tem o papel de recriar a sociedade, intermediando as relações entre a realidade e um ser humano abstrato – o sujeito universal moderno. Os que agem de acordo com a técnica estão ligados e é por intermédio da técnica que se comunicam.

Esse é o contexto no qual se pretende discutir e erigir uma bioética, numa tentativa de resgate de uma eticidade perdida.

O termo “bioética” foi inicialmente proposto pelo professor Van Rensselaer Potter, da Universidade de Wisconsin, nos EUA, o qual adotou uma concepção ecológica, entendendo que uma das principais preocupações da ciência insurgente deveria ser a relação do homem com o meio ambiente, por meio da interface entre conhecimentos biológicos e humanidades (POTTER, 1971). A cunhagem da expressão significou, primeiramente, o reconhecimento acadêmico da necessidade de construção de um novo pensamento, tendo por estopim a iminente e insustentável crise ambiental mundial.

A inerência do método cartesiano, das operações técnicas, do utilitarismo e da especialização positivista do conhecimento às ciências biológicas e à produção de tecnologia negara sistematicamente o diálogo com o pensamento filosófico, e a ética fora totalmente apartada da razão instrumentalizada desde os postulados renascentistas; porém, no fim do século XX, após todo o caos produzido pela cavalgada moderna, torna-se imprescindível um movimento revisionista. Ainda que tímida e limitadamente, esse é o escopo do surgimento da bioética.

A bioética, como ética aplicada, é filha da falência da ética como valor universal-

mente estabelecido e surge como reação à desumanização do homem, substituído teleologicamente pela própria técnica que engendrou, quando a razão instrumentaliza tudo o que encontra, num processo constante de reificação, incapaz de determinar os objetivos supremos da vida. Todavia, se, por um lado, a existência da bioética é prova da ausência de ética geral e da reduzibilidade axiológica do saber reificante, por outro, suas demandas são reais e requerem uma resposta urgente.

Somente no decurso do século XX – quando há a exacerbação da *dialética do esclarecimento*, assustadoramente capaz de produzir claridade e escuridão, seguindo o diagnóstico de Adorno e Horkheimer –, a ciência efetuou centenas de importantes descobertas no campo da medicina, que ensejam diversos dilemas bioéticos na atualidade. A partir do momento em que houve a diferenciação dos grupos sanguíneos; a descoberta da existência de vitaminas e neurotransmissores; o isolamento da insulina; o desenvolvimento de tratamentos como a quimioterapia, a radioterapia e os transplantes, e de equipamentos diagnósticos, como o ultrassom e o tomógrafo; a especialização da engenharia genética e a possibilidade da clonagem; a decifração da estrutura do DNA e o mapeamento completo do genoma de inúmeros vegetais e animais (inclusive o humano); e a descoberta e manipulação de células-tronco, entre outras, o homem deparou com contendas éticas que nunca havia enfrentado. Eis que as transfusões e os transplantes colocam o médico em situação extremamente desconfortável quando a religião do paciente não os permite. Questiona-se em que medida é profícuo realizar diálise e quimioterapia em pacientes terminais ou, eufemicamente, pacientes sob cuidados paliativos. Não se pode determinar onde começa e termina a vida, para dirimir as problemáticas do aborto, do uso de embriões criogenados em pesquisas, da extração de órgãos reutilizáveis e da eutanásia, entre outras. Configura-se

situação angustiante e periclitante para os profissionais da saúde quando equipamentos diagnósticos e medicamentos não são disponibilizados a todos, principalmente em países pobres. Indaga-se se a engenharia genética não desvirtuaria a natureza de forma altamente prejudicial e irreversível, pela manipulação de células-tronco, a fertilização *in vitro*, a clonagem, a transgenia, e, mais temível ainda, supõe-se a criação de um mundo dominado por clones ou indivíduos geneticamente programados mediante uma nova eugenia extremista.

E esses são apenas alguns pouquíssimos questionamentos e temores trazidos pelas descobertas referidas. Antes de tais possibilidades se tornarem concretas, não havia por que o homem invocar valores éticos para discutir tais demandas; porém, sendo elas uma realidade, é inexorável fazê-lo. Com a crise axiológica e paradigmática da modernidade e a ciência encastelada no mito, não há critérios ou referenciais claros para dirimir todos esses problemas. Na prática, quando as demandas bioéticas se apresentam, a tendência é que os médicos e pesquisadores adotem o que lhes for mais conveniente, geralmente imbuídos da lógica utilitarista ou do encantamento pela razão. Em contrapartida, a ordem estatal procura sofregamente dar uma solução jurídica a elas, enquanto dos conselhos de ética joram deontologias verborrágicas. Moroso e burocratizado, o Direito é absolutamente incapaz de acompanhar a velocidade das inovações tecnológicas, e o esforço estatal por normatizar tudo torna-se inócuo, absolutamente vão.

Todas as descobertas e inovações que requerem apreciações éticas no campo da biotecnologia avançam numa velocidade descomunal em relação à produção normativa, pelo que é um acinte ao bom-senso crer que o Estado deverá legislar a fim de regulamentar quaisquer pesquisas científicas ou intervenções médicas que provoquem polêmica. A problemática bioética é demasiado complexa para se reduzir a normas

e regulamentos, pois advém do abismo entre o fetiche moderno pelo progresso e a mitificação da ciência, de um lado, e o esvaziamento ético das condutas de profissionais e pesquisadores, de outro, decorrente justamente da instrumentalização do conhecimento e da exacerbação da técnica.

O auge da civilização produz uma nova espécie de barbárie. A extremada exacerbação da razão produz absoluta desrazão, e isso se concretiza historicamente no episódio do Holocausto.

A reificação do ser humano, a instrumentalização do conhecimento e o totalitarismo da técnica edificam os contornos da ciência moderna, que entram em crise a partir das reivindicações pós-modernas. Ao descortinar as ilusões iluministas, principalmente após a Segunda Guerra Mundial, a humanidade ressentiu-se das consequências das luzes, obscurecidas pela inexorabilidade da escuridão do Holocausto. A partir de então, surge o clamor pelo resgate da verdadeira racionalidade – a que humaniza, e não a que bestializa. Esse é o principal substrato dos protestos de maio de 1968 e da “Convenção de Viena”, por exemplo, na luta pela efetivação dos direitos humanos prometidos pelo Esclarecimento e reiterados em 1948 e pela concretização dos seus ideais emancipatórios.

Após as trevas produzidas pela razão obnubilada no decurso do século XX, iniciou-se um movimento de inconformismo com as promessas não cumpridas pela modernidade, assim como uma tentativa de resgate de seus direitos fundamentais, culminando na Declaração de Direitos Humanos, a qual se constitui na reafirmação dos direitos já cantados no pós-Revolução Francesa. Esse desencaixe entre a previsão formal e a efetivação de direitos é uma das perversões da modernidade técnica, que remanesce ainda após a Declaração de 1948, o que motiva as revoltas da década de 1960 e a apatia dos dias atuais. Na modernidade encantada por suas promessas futuristas ou ressentida de não as cumprir, a ideologia

esgota-se na ideologia do que existe, e não há crença num outro futuro possível.

A bioética desponta justamente nesse contexto, como uma tentativa de recuperar a subjetividade humana, que passa necessariamente por uma proposta de ruptura com o positivismo e pelo diálogo constante entre as diversas searas do conhecimento, incluindo-se o multiculturalismo, a ética e a filosofia. Da anterior dicotomização entre o “eu” (esvaziado de substância) e a natureza (degradada a simples material a ser dominado), surge a necessidade de integração de valores, justamente devido à absurda evolução científico-tecnológica e a seus impactos na humanidade e no meio ambiente.

Partindo do diagnóstico de Adorno e Horkheimer acerca da dialética do *Aufklärung* e de Jacques Ellul sobre o avanço da Técnica, temos uma modernidade que, ao exacerbar uma racionalidade oca de conteúdo subjetivo, extremamente tecnicizada, expande-se até culminar em outra forma de barbárie, e não em civilização, como prometera. Podemos, então, traçar um paralelo entre a razão moderna e a insurgência da bioética.

A bioética surge diante de nós como um signo de nossa era – enquanto amarga a inconsistência axiológica e a redutibilidade ética, traz em seu bojo inúmeras demandas palpáveis que anseiam arduamente por uma resposta – e é por si só, necessariamente, uma práxis e uma ciência multidisciplinar, rompendo forçosamente com a tradição cartesiana e positivista. Porém, os estudos que dela se ocupam restringem-se à casuística, pela indagação pontual das possibilidades de condutas médicas ou intervenções jurídicas neste ou naquele impasse ético decorrente do avanço da biotecnologia. Ela apresenta-se como um sintoma da sociedade técnica e como um desafio a ser superado. À medida que se alocava a técnica no patamar mais elevado da razão, transformando-a num fim em si mesmo, quando deveria ser apenas um

meio, perdia-se qualquer referencial ético na produção de conhecimento. No entanto, esse estado de coisas deixou de parecer confortável desde que a racionalidade moderna trouxe a barbárie escancarada no decorrer do século passado, olvidando as próprias promessas de ordem e progresso.

Urge uma revisão da relação do homem com a razão instrumental e com a técnica. A mera existência da bioética, todas as preocupações que traz e todos os debates e estudos que mobiliza demonstram essa necessidade. A humanidade encontra-se num processo tardio de percepção e lamento. Será, contudo, será possível pensar uma bioética sem a redutibilidade técnica se a ética foi esfacelada pela razão instrumentalizadora? A partir das lições de Jacques Ellul, não podemos entender que a técnica deixou de ser uma opção humana de relação com o mundo para ser uma imposição concreta exterior? Cabe pensarmos em que medida é possível construirmos uma bioética e propugnarmos a efetivação dos direitos humanos numa civilização em que a técnica impera absoluta, tão inelutável quanto a própria vida e tão inexorável quanto a morte.

4. Conclusão

Ao lançarmos um primeiro olhar sobre o tema da bioética, notamos, sem delongas, que se trata de uma ética pontualmente aplicada, metivo pelo qual a questão da aferição de valores é crucial em qualquer abordagem sobre o tema. O conjunto de valores socialmente construído é a diretriz orientadora das condutas dos indivíduos que vivem em determinada comunidade, delineando os seus limites éticos.

Ocorre que os valores modernos, decorrentes dos postulados ideológicos do racionalismo, especialmente do Esclarecimento e da sublevação absoluta e totalitária da Técnica, acabaram sendo paulatinamente desconstruídos historicamente ou, ao menos, revelaram os antagonismos que traziam em seu bojo. As ideologias ilu-

ministas e, posteriormente, positivistas, ao serem colocadas em prática, acabaram por se mostrar inviáveis em sua inteireza diante da realidade, e as promessas de um mundo totalmente civilizado e organizado, sempre orientado em direção ao progresso, tornaram-se falácias em face dos acontecimentos históricos do século XX. O prometido progresso veio intrinsecamente acompanhado de regressos, pois, na esteira do pensamento frankfurtiano, se a modernidade, por um lado, produziu luzes, por outro, também produziu sombras.

Uma vez que as concepções iluministas se mostram inaplicáveis pragmaticamente ou se negam intrinsecamente, a evolução do conhecimento compele o homem a buscar soluções para conflitos éticos decorrentes desse paradoxo, visto que é impossível destrinchar as questões bioéticas sem recorrer à moral. Mas qual moral? Ao obstinar-se na criação de um mundo materialista, regrado e promissor, no qual a ciência seria um baluarte absoluto, a técnica seria o *telos*, a natureza seria completamente dominada e o trabalho seria sinônimo de alienação e automação, o homem acabou por desumanizar-se. Entretanto, as inovações científicas da atualidade têm levado esse mesmo homem a entrar em contato com sua essência, coagindo-o a “humanizar-se” novamente, na medida em que se depara com as questões da biotecnologia, pois não há como debater bioética sem tocar a esfera dos axiomas, lançando-se novas luzes sobre a estreiteza trevosa da racionalidade instrumental.

A lógica esvaziadora de subjetividade da modernidade, idônea a suportar o sistema capitalista, retirou a humanidade do sujeito moderno, pela universalização homogeneizante de tudo e de todos, pela transformação do trabalho em atividade nada libidinal, pela reificação forjada pelo fetichismo da mercadoria e, pior, pela coisificação das pessoas por meio do consumismo patológico. Ocorre que discutir bioeticamente é, necessariamente, traçar um estudo dos valores do sujeito, resgatan-

do as categorias de subjetivação relegadas ao não lugar pelo racionalismo moderno.

Não se dirimem as demandas bioéticas sem subjetividade, sem humanismo, sem ética. Mas como fazê-lo numa modernidade nebulosa, doentia e esfacelada? Na realidade, os impasses éticos decorrentes do avanço tecnológico trarão problemas que só podem ser solucionados tecnicamente, como já previa Jacques Ellul. Portanto, pensar uma “Bioética”, nesse contexto, parece, segundo seu diagnóstico lúcido, absolutamente impossível.

Para Ellul, o automatismo da técnica denota que ela é totalmente autônoma em relação à moral (ELLUL, 1968, p. 74). Seu autocrescimento evidencia que seu fim deixou há muito de ser o homem; ela evolui de modo puramente causal, constituindo uma ordem de fenômenos cega em relação ao futuro. Por isso, atribuir arbitrariamente este ou aquele fim a essa técnica, propor-lhe uma orientação, é negar a própria técnica, é retirar sua natureza e sua força, desconstituindo-a em seu cerne. Não é possível edificarmos uma bioética numa sociedade técnica. Trata-se de pueril ilusão consoladora em meio ao caos estabelecido. Para que uma bioética verdadeiramente emancipatória se consubstanciasse, precisaríamos romper com toda a racionalidade moderna e eliminar a técnica por completo. Obviamente, seguindo Ellul, isso parece bastante inviável.

Assim, o que faremos será apenas constituir uma nova técnica que denominaremos “bioética”, a fim de procurar dirimir tecnicamente impasses éticos decorrentes do avanço da biotecnologia. O principia-lismo de Beuchamp e Childress já cumpre essa função (BEAUCHAMP; CHILDRESS, 2001). Os princípios bioéticos, quais sejam, *justiça, beneficência, não maleficência e autonomia* possuem definições técnicas bem específicas e operam segundo modulações técnicas que os adaptam e aplicam a esta ou àquela situação concreta. Por outro lado, a normatização jurídica das demandas bioéticas também funciona nos limites

dos processos técnicos de elaboração e aplicação das leis. Os próprios estudos acerca da bioética têm-se centrado em casos pontuais, com recomendações técnicas de procedimento, ou em meras classificações terminológicas absolutamente técnicas.

Portanto, no que denominamos “bioética” não há nada de ética de fato. Trata-se apenas de uma nova técnica erigida para lidar com os próprios problemas que o avanço da técnica produz. Como brilhantemente vislumbrou Jacques Ellul, o desenvolvimento da técnica gera impasses que só poderão ser dirimidos por ela mesma, nos seus limites. Por isso, a técnica avança em autocrescimento e torna-se absolutamente necessária e inexorável. A bioética é uma prova disso. Sua insurgência e seu desenvolvimento nada mais são do que a técnica em expansão, criando novas estratégias técnicas para lidar com dilemas que produz. Assim como os direitos humanos nunca foram capazes de resgatar uma verdadeira dimensão humana em seu seio, convertendo-se em técnica jurídica de aplicabilidade normativa, também a bioética jamais será ética aplicada à vida – será a técnica maximizada para se lidar com dilemas e impasses morais decorrentes do avanço das ciências biológicas e da tecnologia.

Referências

- ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- BEAUCHAMP, Tom L; CHILDRESS, James F. *Principles of biomedical ethics*. New York: Oxford University Press, 2001.
- ELLUL, Jacques. *A técnica e o desafio do século*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.
- _____. *A palavra humilhada*. São Paulo: Edições Paulinas, 1984.
- KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- POTTER, V. R. *Bioethics: bridge to the Future*. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1971.